

Artigo recebido em:
05.04.2019

Aprovado em:
27.04.2019

Michelle Prazeres

Jornalista, Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e Doutora em Educação (FE-USP). Professora dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero.

E-mail: michelleprazeres@gmail.com.

Rodrigo Ratier

Professor do curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero (SP). Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (FE-USP), com participação no Programa Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, fomentado pela CAPES, na Université Lumière Lyon 2.

E-mail: rratier@gmail.com.

O *fake* é *fast*?

Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e *media literacy*

Michelle Prazeres
Rodrigo Ratier

Resumo

Este artigo pretende evidenciar as relações existentes entre os contextos atuais de hiperinformação, desinformação e infoxicação e o processo de aceleração social do tempo. Buscando compreender as dinâmicas envolvidas no fenômeno das notícias falsas, indica-se uma aproximação entre o *fake* e o *fast* no ato comunicativo. A ultravelocidade é vista como vetor privilegiado de produção de uma quantidade de informação superior a que as audiências poderiam processar, gerando espaço para um ecossistema informativo de baixa qualidade marcado pelo consumo irrefletido de notícias. O jornalismo contemporâneo, assim, tende a se afastar do papel social de referência confiável para a tomada de decisões necessárias à vida dos cidadãos e seus semelhantes. Como força de tensão a este movimento, apresentam-se as noções balizantes do jornalismo lento, pautado pela busca da qualidade e da contextualização. Acrescentam-se às práticas comunicacionais da cultura *slow* os procedimentos de *media literacy*, possibilitando trabalhar a reflexão e a crítica da informação também no polo da recepção.

Palavras-chave: Velocidade. Desinformação. Qualidade do jornalismo.

Is fake fast? Speed, misinformation, quality of journalism and media literacy

Abstract

This article aims to show the relations between the current contexts of hyperinformation, disinformation and infoxiation and the process of social acceleration of time. Seeking to understand the dynamics involved in the phenomenon of fake news, a transverse approach between fake and fast throughout the communicative act is indicated. Ultra-speed is seen as a privileged vector for producing a greater amount of information that audiences cannot process, creating room for a low-quality information ecosystem marked by the unthinking consumption of news. Contemporary journalism thus tends to stray from the relational social role of reference for making decisions that are necessary for the lives of citizens and their peers. As a force of tension to this movement, we present the concepts of slow journalism, guided by the search for quality and contextualization. The procedures of media literacy are added to the communication practices of the slow culture, making it possible to work reflection and criticism of information also at the reception pole.

Key words: Speed. Misinformation. Quality of journalism.

Assim como em outras dinâmicas sociais da contemporaneidade, o processo de produção simbólica jornalística está indexado pela aceleração social do tempo (ROSA, 2010) e pelo excesso de informações. Especialmente o jornalismo em ambientes digitais se encontra atravessado pelas lógicas da cultura relacionada às tecnologias, que o reconfiguram e mexem nas suas estruturas, incidindo na produção, na distribuição e na recepção de seus produtos, bem como na periodicidade dos ciclos e nas dinâmicas mercadológicas da indústria da informação.

A constrição temporal é uma constante no jornalismo. Conforme Neveu (2006, p. 87), a urgência pauta a relação do jornalista com o tempo, impondo “o funcionamento de uma organização do tratamento das notícias rápida e racional”. Em sua crítica sobre o furo e os ritmos televisivos, Bourdieu (1997) afirma que existe um elo entre o pensamento e o tempo, e que na urgência, não se pode pensar.

Agentes do campo jornalístico operam nesta lógica, produzindo cada vez mais informações e cada vez mais brevidades, partindo da premissa de que em outros pontos do processo estão interagentes ávidos por excesso e velocidade.

Se por um lado, isso edifica – no coração do processo de produção jornalística – novas engrenagens relacionadas ao excesso e à aceleração como regras; por outro, as práticas relacionadas ao *fastjournalism* se expandem para além do campo jornalístico e reverberam em fenômenos sociais como a hiperinformação, a desinformação e a infoxicação.

Do ponto de vista da temporalidade, o ágil, o último, o novo e o breve podem ser atribuídos à produção *fast*. Do ponto de vista do processo, é possível listar a ausência da checagem e da apuração aprofundada, a produção de informações sem uma fonte confiável e até a ausência dos critérios clássicos de noticiabilidade no produto desta lógica ultrarápida e hipervolumosa. Alguns atributos das *fast-news* – que são reais, ou seja, aderentes a padrões jornalísticos como objetividade e precisão (TANDOC JR *et al.*, 2017, p. 4), mas que são produzidas nesta lógica da velocidade a qualquer preço – podem ser encontrados também nas *fakenews* – que são notícias falsas no todo ou em parte, mas mimetizam o formato jornalístico e se aproveitam da cultura da velocidade para se alastrar.

Numa primeira mirada, seria possível afirmar que a propagação de notícias falsas está relacionada ao contexto de aceleração e à sobrecarga informativa. Mas, para além desta constatação inicial, que outras apreensões são possíveis ao explorar mais profundamente as relações entre o *fast*, o *fake* e a qualidade jornalística?

Este artigo busca compreender a desinformação e as *fakenews*, promovendo aproximações destes fenômenos com as leituras sobre o jornalismo acelerado. Entende-se que esta reflexão pode ventilar contribuições para a discussão sobre a qualidade jornalística na contemporaneidade – considerando, como se observará mais adiante, todo o fluxo de produção de notícias.

Parte-se do pressuposto de que mapear e compreender os processos de proliferação da desinformação, bem como buscar caminhos para inibi-la, é papel de jornalistas e pensadores do campo da comunicação. A vigilância epistemológica sobre a qualidade jornalística contribui para a retomada da confiança no jornalismo como esfera de mediação da realidade, ancorada em práticas éticas e responsáveis.

O presente artigo compreende esta introdução, considerações finais e três partes de discussão. Na primeira, abordam-se os conceitos de hiperinformação, desinformação e infoxicação. Eles nos servem de parâmetros para a análise do fenômeno das *fakenews* e de suas implicações na sociedade contemporânea. Na segunda, debate-se a aceleração social do tempo e a aceleração do jornalismo. O foco nas relações entre os dois processos permite observar a velocidade crescente como vetor da desinformação e da baixa qualidade do ecossistema informativo. Na terceira, apresentam-se alternativas para o enfrentamento do *fast-fake*: o jornalismo lento ou *slowjournalism* e a educação para as mídias ou *media literacy*, consideradas em seus pressupostos específicos a favorecer processos de reflexividade, entendida

como a capacidade individual de articular a multiplicidade de informações a que se tem acesso (GIDDENS, 1991), da produção à recepção da informação.

Excesso e desinformação

No clássico *Elementos do Jornalismo*, Bill Kovach e Tom Rosenstiel buscam na antropologia uma primeira aproximação para definir o que é notícia. Mencionando uma coincidência inesperada entre variadas sociedades tribais – todas tinham a mesma definição básica do que era notícia, “queriam gente que pudesse se mexer rápido, apurar os dados com exatidão, e contá-los de forma envolvente” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 7)–, os autores concluem que as notícias satisfazem um impulso humano básico: saber o que acontece além da experiência direta confere uma sensação de segurança, de controle e de confiança.

O jornalismo, assim, pode ser entendido como a forma institucionalizada de produção e disseminação de notícias. Sua principal finalidade é fornecer informações para que os cidadãos possam se autogovernar. Nesse sentido, a informação “independente, confiável, precisa e compreensível” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 7) se torna insumo importante para a tomada de decisões.

Posicionando a discussão em torno da ideia de verdade como pertencente ao campo filosófico, os autores se atêm ao conceito de verdade funcional ou verdade jornalística, característica de relatos precisos e confiáveis dos fatos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004). Em busca dela, desenvolveram-se procedimentos e processos – apuração e registros precisos de informações, verificação de fatos, multiplicidade de fontes, relato claro e coerente, títulos e recursos audiovisuais correspondentes ao conteúdo da notícia etc. Mas é possível entender a própria verdade jornalística como um processo, uma “caminhada contínua na direção do entendimento” (p. 68), que se constrói ao longo do tempo. Ou, para usar a metáfora dos autores, a verdade jornalística cresce como uma estalagmite dentro de uma caverna, gota por gota:

As primeiras matérias indicam a existência de um fato novo ou tendência. Podem começar com um relato de alguma coisa simples, como uma reunião política ou um acidente de trânsito. A hora e o lugar do acidente, os danos causados, os tipos de veículos, prisões, condições do tempo ou das vias públicas, enfim, tudo isso pode ser registrado e checado. Uma vez verificados os fatos, os repórteres tentam armar um relato equilibrado e confiável desses mesmos fatos, válido por agora, mas sujeitos a uma investigação posterior. [...] Essa primeira matéria leva a uma segunda, na qual as fontes das notícias já responderam aos erros e omissões contidos na primeira, da segunda para a terceira, e assim por diante. Ou seja o contexto vai sendo acrescentado em cada matéria nova (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 70-71)

A ideia da verdade jornalística como uma soma da apuração correta dos fatos (nas matérias individuais) constituindo a “fundação sobre o que tudo mais se sustenta” – contexto, interpretação, debate e toda a comunicação pública – é tributária de um ecossistema informativo de alta qualidade. Se a fundação é débil, tudo o mais balança. Kovach e Rosenstiel (2004) intuía essa fragilidade ao criticar a proliferação das pequenas empresas noticiosas, programas de entrevistas e reportagens interpretativas, fazendo com que a verificação deixasse de ser essencial. “Assim, um debate entre oponentes que discutem com números falsos ou com base em preconceitos não informa coisa alguma, só levanta poeira. E tampouco leva a sociedade a lugar algum” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 70).

O que os autores não poderiam prever é a dimensão da proliferação dos produtores de informação e da degradação sem precedentes do ecossistema informativo que teve lugar em quase duas décadas que separam o lançamento do livro do tempo presente. Experimenta-se, um contexto social de hiperinformação (ROMERO-RODRIGUEZ *et al.*, 2018), com a oferta de uma quantidade de informação infinitamente superior a que o ser humano é capaz de processar. Wardle (2017, on-line) fala em cérebros “exaustos e crescentemente dependentes de atalhos psicológicos”

em virtude da enorme quantidade de informação piscando diante de nossos olhos todos os dias. Segundo a autora, a sobrecarga informacional, ao nos exaurir, também nos deixa mais vulneráveis e influenciáveis. Um contexto social polarizado amplifica a fragilização, uma vez que, “quando estamos nervosos e com medo, o pensamento crítico reflui”.

¹*Do original em inglês:* satire or parody, misleading content, imposter content, fabricated content, false connection, false context, manipulated content (Wardle, 2017, on-line).

A velocidade surge como aliado de atores interessados em propagar informações com variados graus de distorção para interesses específicos – sejam eles políticos, econômicos ou visando a disrupção social. Entram em cena ataques informacionais, mensagens coordenadas e consistentes, geralmente com recursos visuais e informações que correspondem às crenças do público-alvo – justamente os elementos sobre os quais se tende a ter menos criticidade (WARDLE, 2017, online).

²*No original:* “we define ‘fakenews’ to be news articles that are intentionally and verifiably false, and could mislead readers”.

Fakenews é o termo consagrado pelo senso comum para evidenciar esse fenômeno contemporâneo. Considerado vago por numerosa bibliografia (WARDLE, 2017; ALLCOTT; GENTZKOW, 2017; TANDOC JR. *et al.*, 2017; RIBEIRO; ORTELLADO, 2018), o conceito tem sido problematizado, em tentativas de definição mais específicas ou com a sugestão de sua exclusão pelo debate público.

³*No original:* “(1) news-satire, (2) newsparody, (3) fabrication, (4) manipulation, (5) advertising and (6) propaganda” (TANDOC JR. *et al.*, 2017, p. 11).

Wardle (2017, on-line) é uma das defensoras dessa segunda perspectiva. Para a autora, usa-se *fakenews* por falta de melhor termo, uma vez que o problema do ecossistema informacional vai além das notícias falsas. Mas seu significado é redutor e, por isso, deveria ser abandonado. Em sua tipologia, Wardle recorre a *misinformation* e *disinformation* para designar a complexidade de tipos de distorções. O primeiro seria relativo ao compartilhamento não intencional de informações falsas. Já o segundo abarcaria o compartilhamento e criação deliberados desse tipo de conteúdo. Essas duas categorias abarcaria sete subtipos: sátira ou paródia, conteúdo enganador, fraude, conteúdo fabricado, falsa conexão, falso contexto e conteúdo manipulado¹. Wardle estrutura sua tipologia segundo três critérios: intencionalidade em enganar, motivações para sua criação e maneiras de disseminação.

⁴*No original:* “fakenews hides under a veneer of legitimacy as it takes on some form of credibility by trying to appear like real news”.

A opção pelo abandono do termo também aparece em Ribeiro e Ortellado (2018), que preferem falar em notícias hiperpartidarizadas para nomear os conteúdos com variados graus de enviesamento, visando a construção de “informação de combate” no ecossistema informacional. Já para Allcott e Gentzkow (2017), a expressão *fakenews* segue tendo poder explicativo a partir de uma definição mais circunscrita: “definimos ‘fakenews’ como notícias que são intencionalmente e verificavelmente falsas, e podem enganar leitores”² (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 213, tradução livre). Incluem-se notícias fabricadas e sátiras que podem ser entendidas como factuais, deixando de lado ocorrências como o erro jornalístico, as teorias da conspiração, as sátiras não confundíveis, as afirmações falsas de políticos e as reportagens distorcidas (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017).

A revisão bibliográfica de Tandoc Jr. *et al.* (2017), que examinou 34 artigos acadêmicos que usaram o termo *fakenews* entre 2003 e 2017, conclui que o conceito comporta seis tipos de definição: sátiras noticiosas, paródias noticiosas, fabricação, manipulação, publicidade disfarçada e propaganda política³. O estado do conhecimento realizado pelos autores permite entrever algumas semelhanças entre as definições. Duas delas dizem respeito à mimetização de características de sites de notícias verdadeiras, uma vez que “*fakenews* se escondem sob um verniz de legitimidade ao abarcar alguma credibilidade por tentar parecer como notícias reais”⁴ (TANDOC JR. *et al.*, 2017, p. 11, tradução livre). A primeira é a imitação visual, em termos de design e uso de elementos de edição tipicamente jornalísticos (títulos, chapéus, *tags*, fotos com legenda etc.). A segunda é a onipresença, efeito obtido pelo uso de robôs e de uma rede de sites dedicados à replicação de notícias falsas.

Tandoc *et al.* (idem) também sublinham a existência de dois domínios tidos como fundamentais para a construção das definições. Ambos funcionariam como um contínuo, em que a maior ou menor presença indicaria o grau de distância do conteúdo falso para uma notícia legítima. O primeiro domínio é a intenção de enganar, sem que se informe explicitamente se tratar de informação falsa. O segundo é

o nível de facticidade, que se refere ao compromisso com o relato acurado dos fatos. De acordo com os autores, as definições correntes focam conteúdos com baixo grau de facticidade e alta intenção de enganar – o que comportaria, na tipologia proposta, manipulações e fabricações e se aproximaria da definição de *fakenews* de Allcott e Gentzkow (2017). A classificação deixa de fora artigos de opinião, ainda que percebidos como notícias pela audiência. Segundo Tandoc Jr. *et al.*, um texto opinativo, desde que claramente identificado de modo a responsabilizar o autor pelas opiniões expressas, “é o que é: um artigo de opinião” (TANDOC JR. *et al.*, 2017, p. 12, tradução livre)⁵.

Cada uma das tipologias e definições acima apresenta potências e fragilidades explicitadas por seus autores. Tandoc Jr. *et al.* (2017) assinalam a notável ausência do papel das audiências nas tentativas de classificação, afirmando que “embora as notícias sejam construídas por jornalistas, parece que as notícias falsas são co-construídas pelo público, pois sua falsidade depende muito de saber se o público percebe o falso como real”⁶ (TANDOC JR. *et al.*, 2017, p. 12, tradução livre). Em virtude dessas limitações, um dos autores do presente artigo propôs uma nova tipologia, baseada igualmente em estado do conhecimento, para a realização de um curso online contra *fakenews*⁷.

Inspirado em Wardle, tem-se como guarda-chuva amplo para os diferentes tipos de distorções informativas a categoria **desinformação**. Evita-se, porém, operar com o domínio da intencionalidade, aceitando eventuais equívocos de interpretação por parte das audiências e conferindo maior amplitude à categoria, que adquire um dos sentidos apresentados por Pinheiro e Brito (2014, on-line): desinformação seria informação de baixo valor cultural ou utilidade, que “não supriria o indivíduo com conhecimento necessário para participar do processo político e tomar as decisões necessárias ao progresso de sua própria vida e de seus semelhantes.”

Debaixo dessa definição ampla, posicionam-se três subcategorias, cada uma abrangendo diferentes tipos de desinformação: **manipulação**, **parcialidade** e **incompreensão**. Para as finalidades deste trabalho, interessa-nos abordar a primeira delas, que respeito a informações intencionalmente falsas, no todo ou em parte, publicadas no formato jornalístico com a intenção de enganar a audiência. Essa forma de enganação também se caracterizaria pela ausência de autoria ou autoria disfarçada, de modo a evitar implicações legais pela veiculação de informações inverídicas.

De acordo com a tipologia proposta, a manipulação contemplaria três tipos de desinformação: fraude (conteúdo alterado digitalmente), disfarce (simulação de conteúdo jornalístico com interesses políticos ou econômicos) e as *fakenews* – que, à moda de Allcott e Gentzkow (2017), recebem definição circunscrita: publicações que viralizam em redes sociais, apresentam informações comprovadamente falsas, possuem formato que simula o estilo jornalístico para enganar o público e têm autoria oculta.

A definição procura esclarecer que o fenômeno da desinformação, conforme Wardle (2017), não se restringe às notícias falsas. Ao contrário, inclui manifestações como as citadas acima e outras: enviesamento, descontextualização, sensacionalismo, falsa controvérsia, teorias da conspiração, erro jornalístico, boato ou rumor, sátira, paródia e artigos de opinião erroneamente entendidos como informação. Isso aponta para um ecossistema informacional altamente poluído, espelhando no polo da recepção um fenômeno que Romero-Rodríguez *et al.* (2018) denominam de **infoxicação**. Para os criadores do neologismo que junta as palavras intoxicação e informação, trata-se do consumo indiscriminado de informação de baixa qualidade, em que as audiências emergem como vítimas propiciatórias – a um só tempo, são os maiores atingidos e impulsionadores do fenômeno:

*Nace así la era de la “infoxicación” em la que se le da a la audiencia el contenido que esta desea – generalmente de infoentrenimiento – con el fin de asegurar cuotas de publicidad, a la vez que los propios receptores son incapaces de realizar un correcto filtrado de las informaciones, aceptando como ciertas aquellas que incluso son contrarias a otras que ya han aceptado como verdaderas. Parece entonces que hemos llegado a comprender que la desinformación es una situación estructural del ecosistema mediático y que las audiencias, paradójicamente, emergem como víctimas propiciatorias de este fenómeno*⁸. (ROMERO-RODRIGUEZ *et al.*, 2018, p. 74-75)

⁵No original: “is what it is – an opinion piece”.

⁶No original: “while news is constructed by journalists, it seems like fake news is co-constructed by the audience, for its fakeness depends a lot on whether the audience perceives the fake as real”.

⁷Trata-se da iniciativa Vaza, Falsiane, curso online autoinstrucional de combate a notícias falsas. URL: www.vazafalsiane.com.

⁸Tradução dos autores: “nasce assim a era da infoxicação, na qual a audiência recebe o conteúdo que deseja – geralmente de infoentrenimento – a fim de garantir cotas de publicidade, ao mesmo tempo em que os próprios destinatários são incapazes de realizar uma filtragem correta de informação, aceitando como certas aquelas que são até contrárias a outras que já aceitaram como verdadeiras. Parece então que chegamos a compreender que a desinformação é uma situação estrutural do ecossistema midiático e que as audiências, paradoxalmente, emergem como vítimas propiciatórias desse fenômeno”.

Para Romero-Rodriguez *et al.* (2018), o par desinformação-infoxicação não designa contexto pontual, mas uma situação estrutural do ecossistema midiático. A velocidade, mais uma vez, surge como elemento fundante, uma vez que o fenômeno seria uma conjunção da sobressaturação de conteúdo com a rapidez, tanto na produção quanto na recepção de notícias. Segundo os autores, os contornos são mais dramáticos porque a maior parte das audiências se encontra na condição de *analfanauta* – novo neologismo, junção de analfabetos e internautas, possuidores de habilidades técnicas para navegar no mundo digital, mas com baixas competências no que se refere à recepção crítica dos conteúdos.

Aceleração social do tempo

A velocidade tem se projetado como imperativo social que extrapola as redes tecnológicas e incide na convivência, acelerando as práticas cotidianas e tensionando diversos campos da vida. ao instituir a pressa como norma. No jornalismo em ambientes digitais, tais efeitos também se impõem sobre as práticas, os produtos, os produtores e os consumidores de informação.

A aceleração social do tempo (ROSA, 2010) se configura como uma condição contemporânea e reforça a velocidade como qualidade de uma informação que deveria: (1) ser produzida em tempo real; (2) chegar antes e se deslocar de forma ágil; (3) ser produzida com celeridade por um jornalista *dromoapto* (TRIVINHO, 2017) e multitarefa; (4) ser consumida instantaneamente, pois buscaria consumidores intregentes supostamente desejosos por brevidades.

O jornalismo, enquanto prática social que se relaciona com as tecnologias enquanto ferramentas, ambientes e repertório, é indexado por esta velocidade que reconfigura sua produção, distribuição, recepção, bem como seus ciclos e suas estruturas mercadológicas.

A tarefa que se impõe é a de desvelar e reconstituir os fatores sociais envolvidos nestas dinâmicas; mapear e explanar as repercussões sociais e dissecar e tensionar a violência simbólica ou invisível implicada nestes fenômenos (inspirado em TRIVINHO, 2016).

Nesse sentido, o jornalismo *slow* se constituiria como um esquema que proporciona um olhar para as práticas de jornalismo na perspectiva da aceleração/desaceleração, buscando identificar atitudes de comunicação como diálogo, vínculo e ponte. E, ao propor que calibremos nosso olhar para o jornalismo a partir da perspectiva da desaceleração, o *slow* poderia apoiar a crítica da desinformação e do excesso informativo.

Barranquero-Carretero e Rosique-Cedillo (2018, s/p, online) afirmam que

[...] diante do imediatismo, o jornalismo slow seria aquele que evita a competição por novidade rigorosa ou instantaneidade e leva tempo para desvendar e expor o contexto, as causas e consequências finais de um fenômeno. Essas formas jornalísticas colocam em questão, então, todas aquelas expressões, gêneros e formatos jornalísticos que, de alguma forma, estão fadados à extrema brevidade e fragmentação e que, conseqüentemente, levam à simplificação da informação, sua descontextualização e fragmentação. (BARRANQUERO-CARRETERO; ROSIQUE-CEDILLO, 2018, s/p, online).

Para Barranquero-Carretero (2013, s/p, online), a comunicação lenta induz a uma recuperação da qualidade tecnológica e informativa contra o império de quantidades, fluxos de informação, acesso e conexão ilimitados. Significa “entrar no mundo das nuances, das singularidades, das redes, da narrativa e da estética e, em essência, apostar em modelos culturais” centrados na qualidade, na criatividade e no desejo de aperfeiçoar. Por isso, as práticas de resistência passam pelo “desenvolvimento de produtos tecnológicos e de comunicação únicos e originais, não padronizados, a partir de ideais como o compromisso com a verdade, a pluralidade ou o respeito à realidade, e o meio ambiente como o horizonte de comunicação e vida humana” (s/p – online).

Köhler, David e Blumtritt (2010) organizaram pontos que sustentariam as prá-

ticas de *Slow Media*. O Manifesto aponta que a mídia lenta torna a qualidade palpável e busca a confiança e a credibilidade.

Barranquero-Carretero e Rosique-Cedillo (2018, s/p, online) apontam que são expressões do jornalismo *slow* os veículos que:

(1) *desafiam o ciclo 24 horas / 7 dias por semana (24/7); (2) não levam em conta a extensão da informação jornalística e, na busca pela qualidade e contextualização, reivindicam gêneros como reportagem aprofundada, redação, crônica ou entrevista de longo alcance; (3) negam a lógica da novidade e do imediato e colocam a cidadania como o principal critério para definir as notícias; (4) propõem informações não padronizadas, e apostam em criatividade e inovação; (5) enfatizam a importância de resgatar os valores clássicos do jornalismo, nas seguintes séries de opostos: qualidade versus quantidade, o durável versus o efêmero, diversidade versus padronização, contextualização versus o descontextualização, respeito versus desrespeito, equilíbrio diante da instabilidade, racional versus irracional, profundidade e análise em face da superficialidade, ética e compromisso com a imoralidade, responsabilidade diante da irresponsabilidade, e comunidade e proximidade com a universalidade.*

Cabe ressaltar que a reflexão sobre o jornalismo lento não pretende desmontar a tese de que a velocidade faz sentido para o jornalismo. Ela busca, sobretudo, questionar quando a velocidade é, de fato, um imperativo, e quando ela não se faz necessária e é possível desnaturalizá-la fazendo um jornalismo em outro tempo, a partir de outra relação, por exemplo, com as temporalidades relacionadas à ideia de periodicidade e as temporalidades da produção e da recepção dos produtos jornalísticos.

Em tempos de fragmentação, brevidades e *fakenews*; em um regime marcado pela disputa de atenção do leitor/usuário/interagente a qualquer custo; e em um espaço onde jornalismo e entretenimento competem e, muitas vezes, misturam-se buscando um suposto engajamento, o *slow* seria a busca pelo contexto, pela compreensão, pela credibilidade, pela acurácia, pela compreensão e pela qualidade.

Aproximações possíveis

Tendo em vista (1) a caracterização da hiperinformação, da desinformação e da infoxicação, (2) a análise sobre a aceleração social do tempo e suas reverberações para o campo jornalístico; e (3) os tensionamentos provocados pela ideia de um jornalismo *slow*, é possível tecer algumas considerações a respeito das relações entre desinformação, hiperinformação, infoxicação, velocidade e qualidade.

Parte-se do entendimento de que o *fake* e o *fast* desfrutam do mesmo ambiente de propagação: as redes digitais. Deste modo, ainda que as *fakenews* sejam informações falsas disfarçadas de notícias com esta intenção, elas se misturam às notícias reais e rápidas no excesso informativo que caracteriza a *hiperinformação* e a *infoxicação* pelo excesso de dados na rede.

Parece possível afirmar que os elementos de propagação e as plataformas de distribuição são aspectos em comum entre o *fake* e o *fast*, na medida em que tanto as notícias falsas em formato que simula o jornalismo, quanto as notícias “verdadeiras” empacotadas como brevidades lançam mão das engrenagens do contexto de aceleração e excesso nas redes digitais para proliferar.

Já os elementos de intencionalidade de enganar e a autoria oculta das *fakenews* estão relacionados aos princípios éticos da produção de informação e às condições de recepção, na medida em que cada audiência reage a estes conteúdos a partir de algumas estratégias de negociação específicas, relacionadas às capacidades interpretativas, capitais simbólicos, bagagens e repertórios adquiridos em seus processos de socialização. No entanto, é preciso reconhecer que - ainda que composta por graus diferentes de leitura crítica dos conteúdos - esta audiência é infoxicada pelo excesso.

Ou seja: o *fast* jornalismo e as *fakenews* desfrutam do mesmo ambiente de circulação que, por conta do excesso, borram as bordas entre jornalismo legítimo e notícia falsa para um receptor sobrecarregado.

Para o jornalismo que é *fast*, o *slow* pode ser um caminho, na medida em que

se trata de um contraponto à velocidade, tanto no que diz respeito às práticas de produção, quanto aos contextos e condições de distribuição e recepção ou interação.

Ainda é possível apreender destas leituras que – ao reconhecer a lógica da rede e a disputa pela atenção na condição de excesso informacional – o “bom jornalismo” pode concorrer com as notícias falsas, produzindo notícias “boas, limpas e justas” (triade que rege o movimento *slow*) para ocupar o espaço digital e fazer frente ao *fast* reforçando os “outros lados”, com diversidade, pluralidade e resgatando os cânones do jornalismo.

Para a notícia falsa, cuja farsa é intencional, as saídas estariam relacionadas às políticas de regulação e à educação para a mídia e formação da audiência. Nesse sentido, um aporte fecundo aparece da confluência entre comunicação e educação, sobretudo, nas iniciativas de educação para a mídia ou *media literacy*.

Em programas de comunicação e educação, muito se fala em fomentar o senso crítico, expressão que aparece desgastada justamente pelo uso indiscriminado. Uma reconceitualização é possível e necessária em um contexto de desenvolvimento global de competências em relação à mídia.

Baseando-se em revisão de literatura, Martinez de Toda (2002) defende iniciativas de *media literacy* que favoreçam o desenvolvimento de um “sujeito multidimensional”, possuidor de seis competências: sujeito **ativo** (compara o texto da mídia com seu próprio contexto), **conhecedor** ou **alfabetizado midiaticamente** (tem um grande conhecimento sobre a mídia, dominando seus códigos e entendendo as bases do jornalismo legítimo), **maduro** (libera e controla sua imaginação a partir dos estímulos da mídia, sabe se conectar e se desconectar), **social** (participa de grupos e comunidades interpretativas de construção de sentido), **crítico** (capaz de julgar e criticar a mensagem da mídia a partir de sua identidade cultural) e **criativo** (recria textos e escreve novas histórias).

É também de Martinez de Toda (TERRERO, 2001) um alerta sobre a natureza dos programas de educação para as mídias que favoreçam o desenvolvimento do sujeito multidimensional. Analisando as iniciativas de comunicação e educação na América Latina, o autor conceitua duas metodologias. A primeira, **metodologia crítica**, parte da premissa que as audiências são passivas. Seu objetivo é evitar as manipulações e substituir o conhecimento ideologizado pelo verdadeiro e objetivo conhecimento – o acadêmico. Martinez de Toda (TERRERO, 2001) avalia essa vertente como excessivamente analítica, autoritária e dogmática, podendo degenerar no que ele chama de “metodologia repetitiva”, em que o receptor simplesmente reproduz o que é ensinado.

A segunda, **metodologia progressista**, parte da premissa que a audiência é ativa e que, com orientação adequada, pode se desenvolver e se tornar mais independente e responsável em sua relação com os meios. Embora, também, possua limitações – no limite, pode levar à inversão de papéis, com a audiência tornando-se perito e o professor/orientador aprendiz, degenerando no que Martinez de Toda (TERRERO, 2001) chama de “metodologia celebratória” (o professor o que já se conhece) –, o autor afirma que o estado geral da arte, especialmente, o conhecimento sobre como as audiências constroem seus significados, sugere que o método progressista ajuda a conseguir entender as diferentes dimensões do sujeito.

Como conclusão, cabe destacar que o recurso ao jornalismo lento e à *media literacy* não pretende esgotar a gama de alternativas procedimentais ao *fast-fake*. Ao buscar desvelar as relações existentes entre os contextos atuais de hiperinformação, desinformação e infoxicação e o processo de aceleração social do tempo, este artigo realizou uma incursão inicial neste campo. É sob uma mirada exploratória que deve ser compreendido. A partir deste primeiro ensaio, reconhece-se que é preciso avançar e aprofundar as conexões aqui vislumbradas, tendo na qualidade do jornalismo um horizonte norteador. Acredita-se que ao evidenciar estas pontes e revelar as nuances de relações deste campo, contribui-se para a discussão sobre a qualidade do jornalismo, tocando a ordem imaterial e subjetiva deste debate. Compreende-se que esta é apenas uma dimensão de uma reflexão abrangente que envolve o jornalismo, as políticas, as empresas jornalísticas, os jornalistas e os interagentes.

Referências

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211–236, 2017. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~gentzkow/research/fakenews.pdf>.

BARRANQUERO-CARRETERO, Alejandro. Slow media. Comunicación, cambio social y sostenibilidad en la era del torrente mediático. **Palabra Clave**, ISSN-e 0122-8285, Vol. 16, Nº. 2, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5241897>. Acesso em 11 dez. 2018.

BARRANQUERO-CARRETERO, Alejandro; ROSIQUE-CEDILLO, Gloria. **Comunicación y periodismo slow en España**. Génesis y balance de las primeras experiencias. Primer Congreso Internacional Infoxicación: mercado de la información y psique: Libro de Actas / coord. por Rosalba Mancinas-Chávez, Antonia Isabel Nogales Bocio. 32-47. 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5300634>. Acesso em 14 dez. 2018.

BENAISSA, Samia. El Slow Journalism en la era de la “infoxicación”. **Doxa Comunicación: revista interdisciplinar de estudios de comunicación y ciencias sociales**, 25, 129-148. 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6197715>. Acesso em 14 dez. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DEHOLLAIN, Andrea Lucia Navarrete. **The multimedia storytelling in Slow Journalism: conceptualization and narrative description**. Universidad de Valladolid. 2018. Disponível em: http://uvadoc.uva.es/bitstream/10324/33041/1/TFG_F_2018_116.pdf. Acesso em 14 dez. 2018.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

KÖHLER, Benedikt; DAVID, Sabria; e BLUMTRITT, Jörg. **The Slow Media Manifesto**. 2010. Disponível em: <https://www.slow-media.net/manifest>. Acesso em: 6 outubro 2018.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os profissionais do jornalismo devem saber eo público deve exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LE MANSURIER, Megan. **What is Slow Journalism**. Taylor & Francis Online. 2014.

MARTINEZ DE TODA, Jose. **Le Sei Dimensioni della Media Education (Metodologia di Valutazione)**. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2002.

NEVEU, Èrik. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

PINHEIRO, Marta Macedo Kerr; BRITO, Vladimir de Paula. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**. Rio de Janeiro. 15, 2014.

PRAZERES, Michelle. **A moderna socialização escolar**: um estudo sobre a construção da crença nas tecnologias digitais e seus efeitos para o campo da educação. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.48.2013.tde-10102013-113416. Acesso em 19 fev. 2019.

RIBEIRO, M. M.; ORTELLADO, P. O que são e como lidar com as notícias falsas: dos sites de notícias falsas às mídias hiper-partidárias. **Sur** - Revista Internacional de Direitos Humanos. São Paulo: Conectas. 15: 71-83 p. 2018.

ROMERO-RODRIGUEZ, Luiz.; DE-CASAS, Patricia; PEDREIRA, Mari Carmen. Desinformación e Infoxicação en las cuartas pantallas. *In*: (Ed.). **Competencias mediáticas en medios digitales emergentes**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2018. p. 73-92.

ROSA, Hartmut. **Alienation and Acceleration**: Towards a Critical Theory of Late Modern. Malmö / Arhus: NSU Press, 2010.

TANDOC JR, Edson; LIM, Zheng; LING, Richard. Defining “fake news” A typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>. Acesso em 3 abr. 2019.

TERRERO, Jose Martinez de Toda y. Avaliação de metodologias na educação para os meios. **Comunicação & Educação**, n. 21, p. 61-76, ago./2001.

TRIVINHO, Eugenio. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática contemporânea. São Paulo: Paulus, 2007.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WARDLE, C. **Fakenews**. It's complicated. First Draft, 2017. Disponível em: <https://medium.com/1st-draft/fake-news-its-complicated-d0f773766c79>. Acesso em 4 abr. 2019.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.